

Realizada por
Felipe Mateus,
Lilian Martins
e Mateus Yuri Passos

“O jornalismo literário dá voz aos oprimidos”

**Entrevista com
John S. Bak**

Seria possível encontrar uma definição de Jornalismo Literário aplicável a todas as produções do mundo, aplicável a cada autor que pratica o gênero, convincente para cada editor que o publica e que agrade a todo pesquisador que o estuda? Essa é a questão que conduz as pesquisas de John Bak. Um dos fundadores da Associação Internacional para os Estudos em Jornalismo Literário (International Association for Literary Journalism Studies – IALJS), Bak acredita que cada obra que se considere Jornalismo Literário carrega em seu DNA características da história, cultura e sociedade à qual pertence. Nesta entrevista, realizada via Skype, ele discute a fundação, missão e realizações da IALJS, os esforços pela legitimação do Jornalismo Literário ao redor do mundo e como a internet e as novas plataformas digitais podem contribuir com esse processo.

(currículo de John Bak)

John Bak é professor do Departamento de Inglês da Universidade de Lorraine (França), possui bacharelado pela Universidade de Illinois (EUA), mestrado e doutorado pela Ball State University (EUA) e pós-doutorado pela Universidade Paris-Sorbonne. Dedicar-se a pesquisas nas áreas: Drama e Teatro Norte-Americano, Biografia e Memória, Jornalismo Literário e Estudos Góticos.

Em 2011 você publicou na *Interférences Littéraires* um ensaio intitulado “Toward a definition of International Literary Journalism”, baseado em como as diferentes culturas desenvolveram o Jornalismo Literário. Nas conclusões, assim como na introdução de “Literary Journalism Across the Globe”, você pontua que é impossível formular uma definição abrangente de Jornalismo Literário, à medida em que cada tradição carrega uma especificidade cultural e um contexto jornalístico. Assim mesmo, gostaríamos de perguntar sua definição de Jornalismo Literário, ainda que não seja definitiva.

Deixe-me começar explicando de onde esse artigo surgiu e por que foi escrito. Eu fui convidado pela revista para republicar a introdução do livro *Literary Journalism around the Globe*. Então, basicamente eu tentei renovar o conceito científico de Jornalismo Literário a partir dos capítulos daquele livro. Enquanto escrevia, o que mais me chamava atenção era que eu vinha de uma tradição americana de Jornalismo Literário, e os americanos são frequentemente considerados, e talvez por muito tempo também se consideraram, os líderes e até mesmo fundadores do Jornalismo Literário. E embora haja algo de verdadeiro nisso, como indicaram os capítulos do livro, a partir de minhas diversas discussões com pesquisadores de Jornalismo Literário de todo o mundo se tornou claro que não há uma “data de nascimento” demarcada para o Jornalismo Literário. Além disso, não há uma compreensão única sobre o que define uma obra como Jornalismo literário.

Vivendo fora dos EUA por mais de uma década, logo reconheci que precisava me livrar de meus vie-

ses americanos no campo e optar por um modelo mais internacional de Jornalismo Literário. Eu e meus amigos e colegas, americanos ou não, começamos a perceber que o modelo americano era imperialista em muitos aspectos. Sim, os onipresentes jornalistas literários americanos *influenciaram* muitos escritores em todo o mundo, mas o que esses escritores produziram nem sempre foi derivado ou mesmo deferente em relação ao Jornalismo Literário Americano. Não houve um Jornalismo Literário, mas muitos Jornalisimos Literários. E, portanto, a maioria das definições que se baseavam amplamente no Novo Jornalismo de Wolfe simplesmente não funcionariam se aceitássemos um modelo internacional da forma que existia. Eu esperava que minha introdução mostrasse que não podemos manter a definição americana e que temos que propor algo diferente, pois as tradições jornalísticas e literárias em todo o mundo simplesmente não são americanas e nem mesmo são idênticas entre si. Por exemplo, as tradições do Jornalismo Literário Brasileiro são, e não são, as mesmas que vieram da nação colonizadora. As dos argentinos são e não são as mesmas dos espanhóis. Meu objetivo era tentar ampliar os parâmetros que definem o Jornalismo Literário, expandindo a noção americana para um modelo mais flexível e inclusivo, com o entendimento de que não queria tornar essa definição aberta a tudo.

E eu acho que é o risco que potencialmente corremos hoje nos estudos de Jornalismo Literário, à medida que buscamos abrir essa definição para incluir mais países e mais culturas. Ao fazê-lo, obviamente corremos o risco de diluí-lo a tal ponto que não teremos certeza do que distingue o Jornalismo Literário do

jornalismo ou da literatura. Neste mundo pós-factual que Donald Trump certamente não criou, mas que ele abraçou totalmente e até mesmo alimentou, pode existir o Jornalismo Literário legítimo? Essa é, penso eu, a pergunta essencial que devemos nos fazer agora.

Portanto, se me pedissem para dar minha definição de Jornalismo Literário internacional, eu teria que dizer o seguinte: é jornalismo, antes de mais nada, informado por fatos conhecíveis e verificáveis e enquadrado dentro de uma dinâmica literária única para a estética daquele país. É um jornalismo, entretanto, moldado mais pelo raciocínio indutivo do que pelo dedutivo, obtido não por confiar na resposta singular de outras pessoas a uma pergunta, mas na busca, muitas vezes por tentativa e erro exaustivas, de múltiplas interpretações de um fato particular. Novamente, esse é o objetivo idealista de todo jornalismo, mas não quero ainda enfatizar os aspectos literários porque a literatura é diferente de um país para outro. Certas culturas favorecem o realismo literário, outras o realismo mágico. Você tem que dar a cada nação a amplitude de introduzir sua própria marca de qualidade literária na peça jornalística. A literatura mundial obviamente não é como a literatura americana e não deveríamos esperar que fosse. Mas o jornalismo francês deveria ser como o jornalismo americano, e vice-versa, uma vez que é (idealisticamente ou ingenuamente falando) o objetivo de todo jornalismo chegar o mais próximo possível da verdade de uma história.

Então, acho que essa seria a minha definição. O Jornalismo Literário Internacional deve ser jornalístico

em sua essência (e acredito que exista uma única verdade, mesmo que os fatos que a cercam possam variar), e o leitor, o leitor científico, deve ser flexível o suficiente para permitir o sentido variado do que é considerado literário de um país para o outro, com base na relação cultural e histórica desse país com a palavra escrita. Sei que essa é uma grande exigência e não é tão simples quanto parece. Mas não podemos continuar pensando no jornalismo internacional como um conceito simples.

Muitos autores ainda consideram o New journalism dos anos 1960 nos Estados Unidos um ápice na história do Jornalismo Literário - senão o maior ápice -, ou ainda o primeiro modelo no qual algumas tradições jornalísticas se inspiraram para fazer Jornalismo Literário. Baseado em outras tradições com as quais você tem familiaridade, existem outros períodos de igual relevância?

Acho que os participantes do Novo Jornalismo foram populares e hoje ainda são considerados por muitos como o auge do Jornalismo Literário não apenas porque eram bons escritores. Eles eram bons, não me entenda mal, mas muitos países também tiveram bons autores. Mas o que tornou o movimento americano particularmente bem-sucedido foi que, como para os Beatles, muitas estrelas sócio-históricas e políticas se alinharam simultaneamente. Foi um momento de auge, com certeza, mas acho que foi um auge que também foi oportuno. Eles eram as pessoas certas na hora certa, com o público certo para lê-los e os poderes certos para exportá-los. Existem movimentos semelhantes hoje? A resposta a essa pergunta está na

resposta à pergunta se poderia haver ou não outro grupo de rock como os Beatles hoje. Acho que não, pelo menos não no Ocidente fortemente mediatizado. A indústria da música estava madura para o tipo de revolução que atingiu os anos 60, e os Beatles representavam a melhor, ou pelo menos a mais eclética banda que atendia às necessidades de um público extremamente heterogêneo. Os Novos Jornalistas fizeram o mesmo, em grande parte respondendo não apenas ao *zeitgeist* de uma nação, mas também ao *zeitgeist* de muitas nações, tanto na Europa quanto na América Latina, que foram submetidas à censura ou a uma imprensa controlada pelo Estado, e viram a voz liberal dos Novos Jornalistas como um antídoto necessário para sua própria repressão localizada. Acho que é isso que o Novo Jornalismo foi: em casa, ele harmonizou com sucesso as vozes de uma América contraculturalista amplamente cacofônica, e no exterior forneceu um modelo para que certas nações do pós-guerra aspirassem e se tornassem - assim como muitas bandas imitaram o Beatles.

Obviamente, há muitos novos Novos Jornalistas bons escrevendo hoje por aí, tanto na América como em todo o mundo. Mas não acho que iremos encontrar novos movimentos como o Novo Jornalismo, não mais do que Praga poderia ter produzido a Nova Geração Perdida nos anos noventa. Talvez estejamos muito autoconscientes dos movimentos para que eles aconteçam espontaneamente de novo. Os fatores sócio-históricos simplesmente não estão lá hoje, graças em grande parte à internet e às redes sociais, que estão proporcionando um espaço infinito e instantâneo para que as vozes dos silenciados e oprimidos sejam

ouvidas (e, infelizmente, quase qualquer pessoa com um emoji hoje se considera silenciada ou marginalizada). Esses gritos ensurdecadores ouvidos pela internet estão, infelizmente, silenciando os verdadeiramente oprimidos com sua onipresença. Aparentemente, novos movimentos vêm e vão quase a cada quarto de hora, graças à (ou por causa) da velocidade e da difusão global que a mídia social alcançou. Só acho que não teremos mais esse tipo de movimento icônico, pelo menos não no Jornalismo Literário.

Em julho de 2006 você promoveu em Nancy (França) a I Conferência Internacional de Jornalismo Literário, na qual a IALJS surgiu com você como presidente fundador. Você pode nos contar a história de como a associação surgiu?

A palavra que eu uso para descrever o surgimento da IALJS é serendipidade, foram as pessoas certas no momento certo. Nada comparado ao Novo Jornalismo, mas foi a hora certa para que algo surgisse. Exemplificando: a conferência não era sobre Jornalismo Literário no início, era uma conferência para celebrar o centenário do livro “A Selva”, de Upton Sinclair. Um dia em 2005 eu estava com alguns colegas em uma mesa e nós pensamos “precisamos de uma conferência, sobre o que devemos fazer?”. Digitei no Google “aniversário de 100 anos em 2006” e “A Selva” surgiu como ideia, então pensei “vamos fazer um centenário de A Selva”. Eu sou formado em Literatura, não em Jornalismo, mas desde que estudei os novos jornalistas na faculdade, fiquei fascinado por eles. Então leio muito sobre outros tipos de jornalismo. Apesar de o livro de Sinclair ser mais um romance do

que Jornalismo Literário, eu quis celebrá-lo, e a forma como elaborei a chamada de trabalhos foi baseada em uma abordagem de Jornalismo Literário.

Honestamente, eu não era ninguém no campo de estudos em Jornalismo Literário em 2006. Se você conhecesse meu nome, era porque eu fiz estudos sobre Tennessee Williams, mas nada relacionado a Jornalismo. Publiquei a chamada de trabalhos e ela magicamente chegou às pessoas certas: David Abrahamson, John Hartsock, Bill Reynolds, Isabel Soares, Alice Trindade, Susan Greenberg, Bill Dow, Isabelle Meuret and Doug Underwood, e muitos outros. Talvez vários tenham recebido, mas nem todos vieram à primeira conferência. Eu recebi um e-mail de John Hartsock que dizia “Olá, meu nome é John Hartsock. Quem diabos é você?” (risos) “Eu me interesso por Jornalismo Literário e gostaria de saber quem é você e sobre o que é essa conferência”. Eu não conhecia o John e devo admitir que não tinha lido o livro dele ainda. Nós nos comunicamos e ele basicamente disse “ok, estou dentro, desde que a chamada de trabalhos se distancie de *A Selva* e se foque em uma apreciação internacional de Jornalismo Literário”. Achei uma boa ideia. Ele havia passado um tempo na Rússia com uma bolsa Fulbright e viu que havia produções análogas ao tipo de escrita aos Novos Jornalistas em outras partes do mundo, mas ele queria saber se isso era algo exclusivo da Rússia ou se de fato havia outros bolsões de Jornalismo Literário no mundo.

Naquela época, simplesmente não havia diálogo entre as nações, nenhuma comunicação que mostrasse de uma nação para a outra que o que todos estávamos fazendo (e de fato fazíamos já há algum

tempo) era muito semelhante. Então eu disse a mim mesmo: “Vamos realizar esta conferência e encontrar essas pessoas e trazê-las para cá.” Então John contactou David Abrahamson e Norman Sims (que eventualmente se juntaria a nós em Paris no ano seguinte para o segundo congresso anual). E saíram os outros, Alice Donat Trindade e Isabel Soares, por exemplo. O grupo principal de pessoas que formou e alimentou a IALJS estava na conferência inicial e foi isso que ajudou a associação a sobreviver.

Depois da conferência, todos nós nos sentamos juntos e começamos a elaborar o processo necessário para criar a organização. Nos meses seguintes, discutimos o estatuto (que David acabaria por fornecer), falamos sobre o periódico científico (um sonho de John Hartsock), votamos no conselho executivo, discutimos sobre como atrairíamos membros e criamos o primeiro site. Com toda a franqueza, esta primeira conferência em Nancy foi um teste para a conferência real que aconteceu no ano seguinte em Paris. Em um ano, passamos de 13 participantes para quase 30 (ok, admito que a maior atratividade de Paris teve muito a ver com isso). Depois fizemos outro em Lisboa e finalmente fomos para os EUA. Precisávamos passar alguns anos primeiro na Europa, para mostrar nosso compromisso internacional. Havia o medo de que, se voltasse para os EUA imediatamente, ou os americanos o pegassem e transformassem em algo que eles queriam ou, pelo menos, seria percebido dessa forma para o resto do mundo. Estrategicamente falando, essa foi talvez a nossa melhor jogada.

Uma década depois da fundação da IALJS, o quanto foi possível expandir os horizontes sobre o Jornalismo Literário? Como ele se apresenta? Quais as mudanças mais perceptíveis nos estudos em Jornalismo Literário como disciplina acadêmica? Houve “espaços em branco” no mapa que puderam ser preenchidos graças às conferências, revista e antologias da IALJS?

Essa é uma boa pergunta. Acho que a maior mudança que ocorreu foi tripla: mostrar aos acadêmicos americanos que, no Jornalismo Literário, existe uma tradição mundial que eles não inventaram; construir um cânone internacional; e estabelecer uma heurística teórica na qual estudar periódicos literários separadamente do jornalismo ou da literatura.

Em primeiro lugar, existem tradições JL em outros países há quase tanto ou mais tempo do que a tradição americana ou mesmo anglo-americana. Essa era a resposta que acadêmicos americanos como John Hartsock esperavam quando começamos o IALJS, reconhecendo precisamente que algo diferente estava acontecendo fora dos EUA. Parecia perfeitamente simples. Quer dizer, quem pode dizer qual foi o primeiro país a inventar a literatura? Impossível dizer, realmente. Foi algo assim que me motivou mais do que qualquer outra coisa. Certamente, a tradição americana ou anglo-saxônica influenciou aquelas versões mundiais de que falamos, mas acho que essa foi provavelmente a maior mudança que ocorreu.

A segunda maior coisa que eu acho é a influência que tivemos nos programas educacionais ao

construir um cânone legítimo de Jornalismo Literário e mostrar que ele pode se manter sozinho como uma disciplina. Não tenho nenhum crédito como membro da IALJS por ter influenciado esses estudos. Muitas universidades e instituições - na Califórnia (Davis) e talvez em Iowa (Writer's Workshop) e na Pensilvânia (Pitt), e na Inglaterra (Lincoln) - abriam não apenas cursos, mas também graduações em Literatura de não ficção e Jornalismo Literário, mas não por nossa causa, não por causa da associação. Mas o fato de eles existirem justifica nossa associação, e nossa associação justifica seus programas: uma relação simbiótica é importante.

Mas acho que a maior questão de todas, a terceira, seria simplesmente a consciência do que as pessoas estão fazendo, o diálogo – e a partir disso, as teorias – criado a partir do contato uns com os outros e com as tradições acadêmicas uns dos outros. Estou aqui agora, falando para vocês três no Brasil ... isso simplesmente não teria acontecido quinze anos atrás, mesmo que o Skype ou as redes sociais existissem na época. Mas nunca teríamos nos conhecido naquela época. Eventualmente, talvez, teríamos. Alguém teria encontrado uma maneira de nos conectar. Mas acho que a associação criou um lugar onde as pessoas podem se sentir em casa. Nem sempre concordamos, vamos discutir e entrar em conflito uns com os outros, mas estamos todos na mesma casa, pelo menos. Não é a melhor definição de família?

Desde 2014 vocês realizam uma série de conferências chamada ReportAGES, que foca no Jornalismo Literário relacionado com as guerras - cada conferência foca em um período ou continente específico.

Quais aspectos do Jornalismo Literário de guerra mais te chamaram a atenção, ou motivaram a organizar as conferências e os livros derivados delas? O que faz com que o Jornalismo Literário tome as guerras como tema, o que faz dessas obras diferentes entre ficção e jornalismo de não-ficção?

Eu quis fazer um grande projeto em jornalismo, algo que contribuísse para torná-lo um campo de estudos específico. Nós já tínhamos a IALJS, com seu congresso anual, não quis competir, roubar números do congresso. E quanto mais eu lia o Jornalismo Literário de vários países, percebia que, frequentemente, de alguma forma, ele tinha relação com as guerras. Eu percebi que o Jornalismo Literário dá voz aos oprimidos, aqueles que podem ter sido silenciados, aos que estão nos exércitos, aos que foram punidos. Então eu quis estudar mais sobre isso. Mas eu também percebi que, assim como as histórias variam de país para país, talvez o Jornalismo Literário também seria diferente, porque as guerras também foram diferentes entre si.

Então eu comecei a organizar alguns seminários e tive uma vasta noção do que constitui uma guerra. Um colega meu da Alemanha tinha uma definição de guerra ligado à ideia de ciberguerra, sobre como o uso da internet é um campo de batalha. Havia uma nova gama de coisas que constituem uma guerra, então não era difícil definir apenas o que seria o Jornalismo Literário, mas as próprias guerras eram difíceis de se definir. Não era como a Primeira Guerra Mundial, isso era claro. Percebi então que eu precisava compartilhar isso e tentar, pelo menos, ter uma conferência em que a noção de guerra fosse parecida.

O objetivo do projeto ReportAGES era criar uma base digital onde nós podemos publicar como jornalistas cidadãos, onde pudesse acessar reportagens de Jornalismo Literário de diferentes países que eu nunca conheceria e não teria acesso aos seus autores ou às suas culturas, isso daria a elas a visibilidade que não possuem hoje. Nós vamos criar essa base de dados de fontes de Jornalismo Literário de países do mundo todo, essa é a maior meta do projeto.

Eu vou tentar reunir exemplos de Jornalismo Literário em inglês, mas também mantê-las em suas línguas originais, fornecer um contexto a elas, outros recursos úteis que possam ser acrescentados, como imagens, vídeos, eventualmente disponibilizá-los em um site, criar um aplicativo para android, para apple. Assim eu posso usar isso tanto como um consumidor, quando como professor, posso fornecer uma perspectiva diferente sobre as guerras. Se você está estudando a Primeira Guerra Mundial, você pode utilizar documentos históricos, literatura, mas também usar Jornalismo Literário como forma de compreendê-la.

Mas eu gostaria que as pessoas não só consumissem esse material, como contribuíssem com ele. Para isso, eu gostaria de criar uma forma de controle para quem quiser submeter um artigo. Por exemplo, se ocorre um conflito na Gâmbia e alguém quer escrever mais do que um artigo, uma história de Jornalismo Literário, pode submetê-lo online. Isso ocorreria, provavelmente, nos próximos cinco anos do projeto.

No Brasil há um campo de estudos que se ocupa do Jornalismo Literário. Alguns profissionais e acadê-

micos afirmam que o Jornalismo Literário geralmente ultrapassa as fronteiras entre ficção e realidade. Como isso é abordado pelos acadêmicos em Jornalismo Literário?

Essa é uma boa questão. Acho que o maior obstáculo que temos hoje é encontrar um terreno comum entre a não-ficção criativa e o Jornalismo Literário. Em suma, como certos países permitem alguns elementos criativos e como outros não. A linha fica embaçada. Onde termina o jornalismo literário e começam a ficção e o jornalismo tradicional? Existe uma espécie de espectro, e nem todos os países concordam com os limites. Na Austrália, por exemplo, há uma tolerância grande em permitir que a ficção esteja no Jornalismo Literário. É por isso que eles não dão o nome de “Jornalismo Literário” na Austrália, eles têm termos próprios, têm sua própria compreensão do gênero.

Bem, minha familiaridade com o Jornalismo Literário brasileiro é pequena, ainda que eu tenha conversado já muito com a Mônica Martinez¹, também conversei com outros brasileiros, estamos trocando alguns conhecimentos. Eu conheço as diferenças entre a crônica e o Jornalismo Literário no Brasil, sua tradição nesse tipo de reportagem e a dificuldade que alguns jornalistas literários do Brasil enfrentam por conta disso.

Na minha visão, o Jornalismo Literário não pode conter ficção, é o que digo a meus alunos. Se você entrar em uma obra de JL, você fez um contrato com

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba e membro da IALJS.

o autor sobre sua verdade, sua representação factual. É como uma história popular que ouvi quando criança, sobre um garoto que vai a uma plantação de melancias, rouba uma delas, leva para casa e a come. O fazendeiro fica muito bravo e põe uma placa dizendo “para sua informação, uma melancia está envenenada”. A história termina com o garoto levando outra melancia, riscando o “uma” e escrevendo “duas”, apenas para brincar com a mente do fazendeiro. Agora duas estavam “envenenadas” (risos). Mas se você entra em uma plantação de melancias pensando que uma delas está envenenada com a ficção, e você não sabe qual elemento da histórica é fato e qual é ficção, então toda a história se torna ficção. Isso tira o poder da história.

Então quando eu penso em Jornalismo Literário, eu preciso crer que tudo o que está ali é real. Daí a dificuldade que tenho com a obra de Truman Capote. Sim, ele produziu ótimas obras, mas eu não me sinto tão tocado porque eu não sei o quanto delas são uma criação de Truman Capote e o quanto são fatos. Eu gosto dos jornalistas da *New Yorker* e o trabalho deles de checagem de fatos, eles têm um grande escritório por onde passam todos os fatos, então quando você lê os textos deles, você pode ter certeza que é tudo não-ficção.

Ainda no Brasil há acadêmicos que criticam o uso do termo “Jornalismo Literário” como se ele fosse um selo de qualidade para histórias, revistas, livros e autores, mesmo que alguns não contem com narrativas esperadas para um trabalho de Jornalismo Literário. Alguns até descrevem isso como forma de

oportunismo. Vocês já passaram por algum tema parecido alguma das conferências ou seminários? Já vivenciaram casos de uso inadequado do termo por autores ou editores?

Há uma frase de T.S. Eliot que diz “maus autores tomam emprestado, bons autores roubam” (risos). O fato de alguém estar usando o rótulo de “Jornalismo Literário” para dar visibilidade a seu livro, para mim, é um sinal positivo, porque o Jornalismo Literário nunca foi tão popular para dar visibilidade, então não, nunca discutimos isso. O fato de alguns escritores brasileiros o verem não apenas como um gênero legítimo, mas como uma marca, é um bom sinal. O fato de alguns usarem isso de forma oportunista não – e certamente há casos, mesmo nos EUA, em que um escritor afirma que a peça é 100% perfeita e factual, e mais tarde acaba sendo uma farsa - estou pensando em *A Million Little Pieces* de James Frey, por exemplo. Mas eu já acho que é positivo se estão usando Jornalismo Literário como rótulo que garanta sua qualidade. O fato de jornalistas conhecerem e de acadêmicos como vocês repercutirem isso dá ao Jornalismo Literário uma importância que ele não tinha há 15 anos, isso é uma vitória. Se alguém está tentando vender algo que não é Jornalismo Literário, deixe com que os leitores digam que não é, porque se tentarmos nos impor dizendo “você não é um dos nossos, você não pertence a esse grupo”, nós só estaremos repetindo o que muitos outros fizeram com os jornalistas literários durante o século XX.

A prática do jornalismo longform é popular agora na internet. Longfor.org, Atavist e até mesmo o

Buzzfeed são alguns dos sites que vêm publicando reportagens **longform**. **Você considera esse formato um tipo de Jornalismo Literário? Essa expansão do jornalismo longform pode ser relacionada com o estágio atual do Jornalismo Literário?**

Definitivamente. Eu sei que o longform tem ganhado um espaço positivo entre os acadêmicos em Jornalismo Literário. Esses sites são bons para a abordagem dada pelos norte-americanos porque ela permite tanto histórias mais pesadas, como aquelas mais leves, acho que é uma tradição nossa. A questão principal que existe entre a internet e o jornalismo longform é: não é porque é grande que é bom. Existem editores, eu mesmo, que basicamente dizem aos autores "ok, você escreveu dez mil palavras. Eu quero sete". Honestamente, os autores escrevem um artigo melhor.

O problema com as publicações online, até mesmo no campo acadêmico, é que, por ser um espaço mais liberal e democrático, e por termos mais plataformas, acabamos prejudicando a qualidade do trabalho, mesmo na academia. Então sim, elas são necessárias porque os editores não estão mais fechando grandes contratos para que se escrevam livros do porte de um Jornalismo Literário. Essas plataformas dão às pessoas a chance de escrever seus longforms, mas eu ainda acho que elas precisam de um gatekeeper. E acho que é nosso trabalho, como acadêmicos, manter o longform no Buzzfeed e em outros espaços, reconhecê-lo e avaliar sua qualidade, da mesma forma que faríamos com a New Yorker ou com a Esquire, no caso do Brasil avaliar se tem a mesma qualidade que teriam as histórias da revista

Realidade. Eu sei que ela não existe mais, mas vocês gostariam que tivesse o mesmo senso de qualidade que ela tinha nos anos 1960.

É missão dos acadêmicos e leitores ficar a par dos autores e dos sites. É nosso trabalho. Não somos como uma polícia, mas somos *gatekeepers* que precisam garantir que a qualidade seja mantida.

O desenvolvimento do jornalismo longform tem sido relacionado ao desenvolvimento de novos recursos de softwares e de plataformas de publicação, inclusive de plataformas de publicação pelo próprio usuário, como o Medium. Na sua opinião, como a internet e os recursos digitais contribuem, ou poderiam contribuir, com a prática do Jornalismo Literário?

Nós temos que combinar alguns eventos que ocorreram antes. O que a internet e o digital fizeram foi distribuir as histórias de forma diferente. O conceito de primeira página, de furo jornalístico, acabou. Eu vejo a CNN por volta das dez da manhã, quando são 11h ou meio-dia as coisas já mudaram. Então o Jornalismo Literário tem que abraçar essas possibilidades, os “anjos” do longform. Mas ao mesmo tempo que você aceita os anjos, você tem que lidar com os “demônios” que vêm junto.

A internet é difícil de ser controlada, existe a trollagem, a manipulação de publicações, você precisa controlar esses demônios. Esse é o motivo por que o que eu quis criar para a base de dados online de reportagens é um sistema onde você envia, mas ela não é publicada diretamente, ainda existe um controle. Não uma censura, mas um controle ético.

Essas são coisas com as quais as bases de dados online vão precisar saber lidar, principalmente aquelas de Jornalismo Literário relacionado às guerras. Você não vai querer usá-la como uma forma de retribuição, ou uma forma de promover uma ou outra ideologia política – uma forma “vingativa” de Jornalismo Literário, que para a atmosfera política atual dos EUA é certamente possível.

Para mim é muito importante ter uma preocupação ética e editorial ao publicar coisas online. Há uma grande responsabilidade para os editores em controlar materiais online. Então o mundo digital é muito importante para o futuro do Jornalismo Literário, mas eu penso que nós precisamos, assim como qualquer ciência, ao invés de pensar no que podemos fazer, pensar no quanto fazemos e como podemos ter controle do que produzimos. Essas são questões que editores devem fazer a si mesmos. Publicar coisas online é ótimo, mas quais as possíveis consequências disso? É nisso que acredito.